

Mídia digital brasileira e "terrorismo" no pós-07/10/2023: uma breve proposta de análise a partir das postagens do G1 no Instagram¹

Beatriz Martins de CASTRO²
Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná

RESUMO

Este artigo visa levantar uma proposta de análise – bastante preliminar – acerca da abordagem da mídia brasileira sobre os eventos de 07/10/2023, quando um ataque do Hamas atingiu Israel. A partir da observação das 30 primeiras postagens do G1 a respeito do tema no Instagram, busca-se refletir sobre as representações (Hall, 2016) orientalistas (Said, 1990) acerca do “grande grupo de Outros” identificados como árabes-muçulmanos-palestinos. Diante dos resultados encontrados – enxutos e iniciais – foi possível observar uma opção discursiva que privilegia a associação da violência e do “terrorismo” ao grupo palestino, ao invés de uma contextualização histórica dos conflitos.

PALAVRAS-CHAVE

Redes sociais; Israel; Palestina; Terrorismo; Representação.

INTRODUÇÃO

No dia 07 de outubro de 2023, o grupo armado Hamas, baseado na Palestina, promoveu um ataque surpresa contra Israel. No Brasil, o evento foi noticiado como uma “infiltração de terroristas armados, que passaram a massacrar civis” (DW, 2023). A partir de então, “Israel prometeu aniquilar o Hamas, que considera [...] uma organização terrorista” (G1, 2024). Esse cenário acabou por gerar consequências, também, para a comunidade muçulmana brasileira. Barbosa, Souza e Silva (2023), a partir de um questionário respondido por centenas de pessoas muçulmanas residentes no país, verificaram que a vasta maioria dos respondentes entende que “muitas” postagens passaram a retratar o Islam e os muçulmanos de maneira negativa após 07/10/2023.

Mas, afinal, como os portais de notícias brasileiros retrataram, nas redes sociais, os eventos de 07/10/2023? O presente artigo é uma proposta, sugestão ou tentativa que visa *começar* a responder essa pergunta – de maneira, ainda, bastante preliminar.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação, com ênfase em Comunicação e Cultura, na Universidade Federal do Paraná. Bacharela em Publicidade e Propaganda e em História – Memória e Imagem pela mesma instituição. Integrante do Obitel Brasil junto ao grupo UFPR e do Nefics (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades) da UFPR. Bolsista Capes. E-mail: btmcastro@gmail.com

Considerando que, dentre os portais jornalísticos de acesso gratuito no Brasil, o G1 possui um dos maiores públicos no Instagram – até este momento, 9,2 milhões de seguidores³ – optou-se por partir das suas postagens para empreender a análise. Foram selecionadas as 30 primeiras publicações referentes ao 07/10/2023. Tomando como base as técnicas da Análise de Conteúdo (Bauer, 2002), selecionou-se para a investigação os textos presentes nas imagens e legendas dessas publicações. No caso de vídeos, considerou-se o texto presente no *thumbnail* (a “capa” estática daqueles conteúdos). Buscou-se, então, quantificar as postagens que atribuíam as situações de violência/ataques exclusivamente a Hamas/Palestina; as que atribuíam exclusivamente a Israel; as que atribuíam a “ambos os lados”; e as que não atribuíam tais situações a nenhum dos “lados”, explicitamente. Após a coleta das publicações, os conteúdos foram dispostos e codificados em um quadro. Na sequência, foi feita a somatória dos dados observados. A partir dos resultados, produziu-se interpretações e inferências.

É importante frisar que, neste trabalho, não se considera que tais postagens encerrem as perspectivas sobre o assunto, nem na mídia em geral, nem no próprio G1. Antes, o que se pretende é dar os primeiros passos rumo à delimitação de uma maneira, dentre as várias possíveis, de se investigar o assunto.

ORIENTALISMO E SUAS PERMANÊNCIAS

Se alguém “é brasileiro”, é porque “não é palestino”; se “é cristão”, simultaneamente “não é muçulmano”. Nessas oposições, estão em jogo os conceitos de *identidade e diferença* – ou a definição daquilo que é o “eu” e aquilo que é o “Outro”. Porém, essas não são simples oposições: a identidade e a diferença operam por meio de hierarquias, sendo que “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder” (Da Silva, 2000, p. 81).

Historicamente, o Ocidente posicionou – e posiciona – o Oriente como esse “Outro” fundamental. De acordo com Edward Said (1990), isso ocorre por um processo surgido a partir do século XVIII e denominado *orientalismo*: “um estilo ocidental para dominar [...] o Oriente” (Said, 1990, p. 15). A manutenção, até tempos contemporâneos, das óticas orientalistas, se deve à *hegemonia* ocidental: “certas formas culturais predominam sobre as outras, do mesmo modo que certas ideias são mais influentes que

³ O perfil do G1 no Instagram pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/portalg1/>

outras [...]. [É] o resultado da hegemonia em ação que confere ao orientalismo a [sua] durabilidade e força” (Said, 1990, p. 19).

Assim, ainda que não sejam idênticas às veiculadas no século XVIII, imagens e notícias mais recentes “emprestam” significados construídos ao longo dos séculos a respeito do Oriente. Ainda que a caracterização do Outro oriental como repulsivo – ou sensual, no caso das mulheres – seja antiga (Burke, 2017), a partir dos eventos de 11 de setembro de 2001 nos EUA, essas categorias foram reatualizadas: as mulheres, na maior parte das vezes, passaram a ser vistas como aquelas que precisavam ser “salvas” da opressão (Abu-Lughod, 2012) e os homens como “terroristas” – “monstros terríveis, capazes de toda brutalidade” (Barbosa; Souza; Silva, 2023). O “terrorismo”, enfim, seria

um termo que atualmente evoca uma imagem de violência extrema e irracional. Se esses “terroristas” – iranianos, palestinos, curdos, etc. – forem redefinidos como “guerrilheiros”, eles recuperam seus rostos humanos [...]. “Terrorismo” está associado a termos pejorativos igualmente mal definidos tais como “fanatismo”, “extremismo” e, mais recentemente, “fundamentalismo”. Essas imagens hostis do Islã estão ligadas ao que é frequentemente descrito como “mentalidade oriental” (Burke, 2017, p. 191).

Nesse cenário, ainda que não seja possível posicionar o Brasil de maneira inquestionável na categoria do “Ocidente”, frequentemente associada à Europa e aos EUA, ressalta-se que: mesmo em países marginalizados histórica e socialmente, como o Brasil, há hierarquias internas de raça, etnia, etc., que não são negligenciáveis (Crenshaw, 2002); e que os brasileiros também veem os árabes e muçulmanos como Outros, assim como faz o Ocidente clássico (Barbosa, 2022; Barbosa; Souza; Silva, 2023). Vale, ainda, salientar que “palestinos”, “árabes” e “muçulmanos” são identidades distintas entre si, mas que acabam sendo frequentemente “confundidas”:

A maioria das pessoas pensam que a maioria dos muçulmanos são árabes, [...] sendo que o grupo dos árabes é apenas a terceira maior população muçulmana no planeta [...] o que pode ser lido como uma manifestação de um **orientalismo banal que afeta a todos homoganeamente**. Tal orientalismo compreende que todos no Oriente Médio seriam muçulmanos, por exemplo. Assim, a nacionalidade (palestina) é confundida com o pertencimento religioso (muçulmano) e com a etnia (árabe), numa confusão que praticamente nada explícita sobre a realidade factual (Barbosa; Souza; Silva, 2023, grifos nossos).

Neste artigo, busca-se observar uma das diversas atualizações do discurso orientalista sobre o Outro – lido, de forma generalizante, como árabe-muçulmano-palestino.

AS PRIMEIRAS POSTAGENS DO G1 NO INSTAGRAM

Durante a análise, foi observado que 14 postagens atribuem situações de violência/ataques unicamente a Hamas/Palestina; 4 postagens atribuem situações de violência/ataques unicamente a Israel; 9 postagens atribuem situações de violência/ataques a “ambos os lados”; 3 postagens não atribuem violência/ataques, explicitamente, nem a Hamas/Palestina, nem a Israel, nem a ambos.

Primeiramente, nota-se que o número de postagens que atribuem situações de violência/ataques unicamente a Hamas/Palestina (14) é praticamente o mesmo do que todas as categorias somadas (16). Isso significa que, nos 30 primeiros conteúdos dedicados ao assunto, a página do G1 no Instagram utilizou quase metade desse espaço (46,6%) focando-se na violência desse “lado”. Enquanto isso, apenas 13,3% do espaço implicou Israel, de forma privilegiada ou exclusiva, nas situações de violência.

Estaria essa opção relacionada à intensidade dos ataques de cada “lado”? Ainda que não se pretenda, aqui, medir perdas humanas em nenhum sentido, especialmente em termos tão simplistas e pouco sensíveis como os numéricos, os dados servem como base para tentar compreender quais escolhas foram mobilizadas nesse movimento. Até 10 de outubro de 2023 – data das últimas postagens aqui analisadas – os números variavam entre 900 e 1.800 israelenses mortos, ao lado de 2.100 a 2.300 palestinos mortos (Uol, 2023; Martins, 2023; Casemiro & Calgaro, 2023). Assim, não havia, na ocasião, uma predominância *absoluta* entre mortos de cada “lado”.

É possível inferir, portanto, que a veiculação de postagens focadas na violência atribuída a Hamas/Palestina é uma *opção*. Mesmo porque, ainda que o ataque de 07/10/2023 tenha sido “iniciado” pelo Hamas, o próprio G1 compartilhou uma postagem⁴ evidenciando que, nos últimos 15 anos, conflitos entre Israel e Palestina haviam resultado em pouco mais de 1.000 mortos israelenses. Enquanto isso, somente no ano de 2014, ocorreram mais de 2.000 mortes palestinas.

No mais, dentre as postagens aqui analisadas, a citada no parágrafo anterior foi a única a estabelecer qualquer tipo de contextualização histórica acerca dos eventos em curso. Porém, mesmo nela, notou-se uma espécie de “justificativa” para os números da violência israelense: “Em 2014, o sequestro de jovens **motivou** a espiral de violência que levou à ofensiva em Gaza” (texto da imagem, grifos meus); “A ofensiva de Israel [em

⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyMXVaxRoLL/?img_index=2

2014] foi **motivada** pelo sequestro de adolescentes pelo Hamas” (texto da legenda, grifos meus).

Considerando tais fatores, é possível compreender e reiterar aquilo que foi afirmado por muçulmanos e muçulmanas no *II Relatório de Islamofobia no Brasil – Pós 7/10/2023* (Barbosa; Souza; Silva, 2023): “a cobertura midiática acerca dos eventos contribui para a intolerância contra muçulmanas e muçulmanos” – ainda mais quando consideramos a supracitada “confusão” entre muçulmanos, palestinos e árabes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe como proposta analisar, quantitativamente, os textos das 30 primeiras postagens do perfil do G1 no Instagram acerca dos eventos ocorridos em 07 de setembro de 2023, em conteúdos que abordassem diretamente a situação entre Israel e Hamas/Palestina. Essa análise, contudo, adotou um recorte específico e, notavelmente, bastante breve. Entende-se, é evidente, que tal recorte não reflete a totalidade do discurso midiático brasileiro, nem ao menos do próprio G1, acerca das tensões aqui mobilizadas. Trata-se, na verdade, de uma amostra bastante restrita, mas que coloca em evidência dados que reforçam conclusões colhidas em pesquisas anteriores – e reforçam a necessidade de uma revisão, por parte da mídia brasileira, quanto à representação desse “grande grupo de Outros” composto por árabes, muçulmanos e palestinos.

Em pesquisas futuras, pretende-se encontrar resultados mais amplos, abrangentes e expressivos, considerando tanto mais postagens feitas pelo perfil do G1, como também postagens veiculadas por perfis de outros grandes jornais brasileiros. O objetivo será compreender, de maneira mais profunda, os cenários que aqui apenas começaram a ser observados e debatidos.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGOHD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 451-470, maio-agosto/2012.

BARBOSA, Francirosy Campos (org). **I Relatório de Islamofobia no Brasil**. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2022.

BARBOSA, Francirosy Campos; SOUZA, Felipe Freitas de; SILVA, Francisco Cleverton Pereira da. **II Relatório de Islamofobia No Brasil – Pós 7/10/2023**. Novembro de 2023. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1YxUS_ZtBNuWG23Hg9hNm0LacdVnJZUfb/view

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER; GASKEL (ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 189-217.

BOWEN, Jeremy. Como foi o mais surpreendente ataque do Hamas contra Israel. **BBC News Brasil**, 07 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw9v3rxdj94o>

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CASEMIRO, Poliana; CALGARO, Fernanda. Israel x Hamas: veja quantos são os estrangeiros mortos no conflito e de quais nacionalidades. **G1**, 10 de out. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/10/israel-x-hamas-veja-quantos-sao-os-estrangeiros-mortos-no-conflito-e-de-quais-nacionalidades.ghtml>

COMO ocorreu o ataque sem precedentes do Hamas a Israel. **DW**, 07 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-ocorreu-o-ataque-sem-precedentes-do-hamas-a-israel/a-67030011>

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, pp. 171-188, 1º semestre de 2002.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: DA SILVA (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 73-102.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2016.

ISRAEL declara guerra após ataque do Hamas; conflito deixa mais de 500 mortos. **G1**, 07 de out. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/07/israel-conflito-faixa-de-gaza-hamas.ghtml>

LEIA a nota do Hamas assumindo autoria dos ataques contra Israel. **PODER360**, 08 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/leia-a-nota-do-hamas-assumindo-autoria-dos-ataques-contra-israel/>

MARTINS, André. Guerra Israel-Hamas: número de mortos passa de 1.830; Itamaraty confirma morte de brasileiro. **Exame**, 10 de out. de 2023. Disponível em: <https://exame.com/mundo/guerra-israel-hamas-numero-de-mortos-passa-de-1-600-itamaraty-confirma-morte-de-brasileiro/>

NÚMERO de mortes em Gaza devido a ofensiva de Israel supera 30 mil, diz governo do Hamas. **G1**, 29 de fev. de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/02/29/numero-de-mortes-em-gaza-devido-a-ofensiva-de-israel-supera-30-mil-diz-governo-do-hamas.ghtml>

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Cia das Letras, 1990.

SOBE número de mortos em Israel e na Faixa de Gaza; Exército retomou a fronteira. **UOL**, 10 de out. de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2023/10/10/sobe-numero-de-mortos-em-israel-e-na-faixa-de-gaza-exercito-retomou-a-fronteira.htm>